**VIOLÊNCIA, FEMINISMO E ARTE**

**O papel da arte nas questões micropolíticas de violência contra a mulher**

*Carine Viana Ferreira [[1]](#footnote-1); Débora de Fátima Einhardt Jara[[2]](#footnote-2)*

**RESUMO**

Esse texto é um recorte do trabalho final que será apresentado no segundo semestre de 2018 para o curso/eixo Educação e Sustentabilidade Social e Ambiental no PPGE/IFC. O mesmo aborda a problemática da violência contra a mulher (OLIVEIRA, 2016) sob a perspectiva histórica do ecofeminismo (DUARTE, 2015), do feminismo decolonial (LUGONES, 2014) e da corrente feminista da educação ambiental (SAUVÉ, 2005) buscando analisar o papel da arte como agente de mediação deste problema social, com a finalidade de comprovar que a mesma pode ser um importante recurso de reflexão nas questões micropolíticas (CANTON, 2009) de violência de gênero.Para delimitar o estudo escolhemos os trabalhos da artista brasileira Beth Moysés como objeto de análise. O estudo ainda em andamento está na fase de interlocução da bibliografia escolhida com as obras da artista em questão.

**Palavras-chave**: Violência contra a mulher. Sustentabilidade social. Ecofeminismo. Arte.

**INTRODUÇÃO**

Diariamente são divulgadas notícias que retratam casos de violências contra a mulher, estas relatam danos a integridade física, moral, psicológica, sexual e até mesmo patrimonial das vítimas e, algumas vezes estes maus tratos resultam na morte das envolvidas. Tais situações atentam contra os direitos básicos das mulheres, uma vez que, elas também são seres humanos. Segundo Oliveira (2016).

Ao compreender os Direitos da Mulher como parte integrante dos Direitos Humanos, alerta-se para a histórica discriminalização que as mulheres vêm sofrendo, através de um discurso que se moderniza, mas se repete e que faz com alguns direitos humanos, mínimos, como a integridade física, psíquica, liberdade de ir e vir, e acesso ao direito legal não sejam garantidos. (p. 6)

​ Desta forma, como podemos perceber na colocação do autor, este tipo de violência não surgiu na atualidade sendo uma construção histórica que por muito tempo foi considerado um problema da esfera privada, o que podemos entender como resultado da cultura patriarcal. Duarte (2015) aborda o ecofeminismo e a estreita relação entre antropocentrismo e androcêntrismo, utilizando da argumentação de que

o antropocentrismo caminha lado a lado com o pensamento androcentrista uma vez que possuem semelhanças sobre o processo de opressão sociedade-natureza(antropocentrismo) homens-mulheres (androcentrismo). O pensamento androcêntrico é aquele que trata de “desvalorizar todas aquelas atividades e formas de perceber e sentir o mundo consideradas femininas.” É, portanto, um resultado da cultura patriarcal. (P.49-50).

​ Neste sentido a corrente feminista da educação ambiental, ou ecofeminismo emerge da corrente critico social, fazendo a analise das relações de poder em grupos sociais se ampliando para os debates nas esferas políticas e econômicas, com ênfase nas relações de poder e dominação que os homens exercem sobre as mulheres. Segundo Sauvé (2005)

a ênfase está nas relações de poder que os homens ainda exercem sobre as mulheres, em certos contextos, e na necessidade de integrar as perspectivas e os valores feministas aos modos de governo, de produção, de consumo, de organização social. Em matéria de meio ambiente, uma ligação estreita ficou estabelecida entre a dominação das mulheres e a da natureza: trabalhar para restabelecer relações harmônicas com a natureza é indissociável de um projeto social que aponta para a harmonização das relações entre os humanos, mais especificamente entre os homens e as mulheres.

​

Gough (1998) faz uma critica educacional feminista à educação ambiental inferindo que a questão do “desenvolvimento sustentável” que se insinua na mesma: apesar do chamado à equidade social, ela está associada a uma visão de mundo que consagra o predomínio das atuais relações de poder em nossas sociedades.

A insignificância dos argumentos (associados à idéia de sustentabilidade) e a arrogância dos que a desenvolvem, quer dizer, homens brancos, classe média, educados e profissionais, são evidentes. Devemos estimular as pessoas a desconstruir estes argumentos para pôr em dia os valores que os sustentam e as perspectivas que eles supõem (GOUGH, 1998, p. 168, tradução livre. apud SAUVÉ, 2005).

​ Nesse caminho aproximam-se o ecofeminismo e o feminismo decolonial ao entender que precisa ser dialogado para compreender e então desconstruir as teias tecidas pelo patriarcado. Na visão de Duarte a mulher, assim como a natureza é vista em situação de inferioridade, estando a primeira subordinada ao homem, enquanto a segunda a cultura/sociedade. Apesar desta estreita relação entre antropocentrismo e androcêntrismo, a ligação entre o movimento ambientalista e o feminista vai além desta comparação, uma vez que tanto um quanto o outro reinvindicam um objeto central comum, uma sociedade mais sustentável, a qual requer uma transformação do modelo monetário e econômico existente para um sistema alicerçado no respeito e bem estar de toda forma de vida, sem hierarquias, sem opressores e oprimidos.

Hodiernamente tem se problematizado mais temas relativos ao assunto, porém existe grande resistência por parte da sociedade, que muitas vezes, parece não perceber como a violência contra as mulheres afeta a vida e a integridade das vítimas. Hannah Arendt (1994) ao falar sobre violência ressalta que a mesma está relacionada a uma relação de poder, normalmente com a diminuição do poder há o aumento da violência.

Para que a violência contra a mulher seja percebida como um problema social e não da esfera privada é necessário dar visibilidade ao mesmo além das notícias divulgadas na mídia, assim a arte, vinculada com políticas feministas, pode ser uma importante ferramenta para a transformação da forma como percebemos este assunto. Desta forma, tornou-se objeto de estudo deste artigo compreender questões históricas que envolvem a temática através do feminismo decolonial (LUGONES, 2014) e do ecofeminismo (DUARTE, 2015), bem como o papel da arte como agente de mediação nos debates sobre a violência contra a mulher.

**PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

A metodologia utilizada nesta investigação está sendo a pesquisa qualitativa, bibliográfica e documental. Na primeira parte deste estudo foi abordada a pesquisa bibliográfica. Este tipo de pesquisa é, comumente, o primeiro passo em qualquer investigação de caráter cientifico, pois, após a escolha do assunto da averiguação, torna-se necessário aprofundar os conhecimentos sobre o mesmo. Além disto, a leitura de diferentes autores que desenvolveram estudos sobre o tema proposto, auxilia à percepção de variáveis e a autenticidade da pesquisa desenvolvida. Ao referir-se a este assunto Boccato, esclarece que

a pesquisa bibliográfica busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas. Esse tipo de pesquisa trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica. Para tanto, é de suma importância que o pesquisador realize um planejamento sistemático do processo de pesquisa, compreendendo desde a definição temática, passando pela construção lógica do trabalho até a decisão da sua forma de comunicação e divulgação. (2006, p. 266)

De acordo com o autor supracitado a relevância principal da pesquisa bibliográfica é proporcionar ao pesquisador o contato com uma amplitude de fenômenos que tratam do tema investigado, e que este não poderia pesquisar diretamente. As fontes utilizadas durante a pesquisa bibliográfica podem ser: primárias e secundárias. As primárias são constituídas por documentos, estudos e provas. Por outro lado, as secundárias abarcam os livros, os periódicos, os artigos científicos, entre outras. Porquanto, para o trabalho em questão as fontes utilizadas foram primárias e secundárias, construindo-se o referencial teórico através da leitura das leis e diferentes autores que abordam as temáticas em discussão, ou seja, violência contra a mulher e as produções da arte como amparo na mediação do conflito social em questão.

​ Já na segunda etapa, fase em que o trabalho se encontra, está sendo feita a análise das produções de Beth Moyses que abordam a temática da violência contra as mulheres. Dando seguimento, os dados coletados na primeira etapa da investigação serão costurados com os analisados na segunda etapa e assim concluiremos o artigo.

**RESULTADOS ESPERADOS OU PARCIAIS**

Estamos desenvolvendo a segunda etapa de nosso trabalho, e a partir do referencial teórico utilizado já podemos perceber que a violência contra a mulher é resultado de questões que nos foram impostas com a modernidade, o que segundo Lugones (2016) ocorre após a chegada do colonizador que nos impõe padrões europeus, sendo um deles o papel da mulher meramente de sujeito reprodutor de sua espécie. Estes padrões historicamente internalizados, na perspectiva de Duarte (2014) são determinados pela cultura do poder patriarcal, a qual é responsável por tantos dualismos e pela inferiorização da mulher perante o homem. Nesta fase estamos realizando as análises da obra de Moyses, bem como as discussões sobre o papel da arte nas questões micropolíticas, para então confirmamos as hipóteses levantadas no início do trabalho.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Iniciamos o artigo com o objetivo de entendermos as questões históricas que envolvem as relações de gênero e como estas contribuem para a cultura de violência contra a mulher, bem como o ecofeminismo e arte podem contribuir para as reflexões e debates sobre o assunto. Nós encaminhamos para a fase final do artigo, na qual analisaremos as obras selecionadas buscando a interlocução com os referencias teóricos analisados na primeira etapa, para então compreendermos como as experiências estéticas com o mundo da arte podem ser importante recurso de mediação nos debates que envolvem o tema do trabalho.

**REFERÊNCIAS**

ARENDT, A. **Sobre Violência**. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 1994.

BOCCATO, V. R. C. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. **Rev. Odontol. Univ.Cidade São Paulo**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, set./dez. 2006.

CANTON, K. **Da Política às Micropolíticas.** São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

DUARTE, R, C, P. L. **O Ecofeminismo e a Luta pela Igualdade de Gênero: Uma análise à Luz da Teoria Bidimensional de justiça**.. (Dissertação de Mestrado). PPGP– UCS. 2015.

LUGONES, M. Rumo ao Feminismo Descolonial. **Rev. Estudos Feministas**, Florianópolis, v.22, n 3, p. 935-952, set./dez. 2014.

OLIVEIRA, M. V. **Violência contra a mulher: conheça, previna e combata**. Rio Grande: Pluscom Editora, 2016.

SAUVÈ, Lucie. Uma cartografia das correntes da educação ambiental.In: SATO, M.; CARVALHO, I. C. M. (Orgs.). ***Educação Ambiental*** *-* pesquisas e desafios. Porto Alegre: Artmed, 2005.

1. Licenciada em Pedagogia pelo Instituto Superior de Educação Ivoti. Professora na rede estadual de educação de Santa Catarina e na Prefeitura Municipal de Bombinhas SC. [carinevianaferreira@gmail.com](mailto:carinevianaferreira@gmail.com) [↑](#footnote-ref-1)
2. Doutora em Educação Ambiental pela FURG. Docente no Programa de Pós-Graduação no Curso Educação, Sustentabilidade Social e Ambiental no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Catarinense. Orientadora deste trabalho. [debora.jara@ifc.edu.br](mailto:debora.jara@ifc.edu.br) [↑](#footnote-ref-2)